

A PROPOSTA DA ESCOLA ORATÓRIO SALESIANA: O CASO DA CIDADE DOM BOSCO (CORUMBÁ, MATO GROSSO, 1957-1973)

*Silvia Helena Andrade de Brito**

*Odinea de Oliveira Arruda***

*Doutora em História da
Educação;
Professora nos cursos de
Ciências Sociais e
Programa de Pós-Graduação
em Educação – UFMS.
Campo Grande – MS [Brasil]
shbrito@terra.com.br

**Licenciada em História.
Campo Grande – MS [Brasil]
odinea_arruda@yahoo.com.br

Esse artigo tem como objeto a Cidade Dom Bosco (em 1957, quando de sua criação, chamada Escola Alexandre Aurélio de Castro), situada no atual bairro Dom Bosco. Observando e analisando os parâmetros e diretrizes da educação salesiana entre os anos 1957 e 1973, discute-se como foi implantada essa instituição escolar, cujo objetivo era promover a ‘integração’ do aluno oriundo da classe trabalhadora à sociedade. Essa ação teve como cerne o *ethos* salesiano para a educação, com base no ‘sistema preventivo’ de Dom Bosco, visando materializar a chamada Escola Oratório. Ela possuía características particulares em relação a outras iniciativas salesianas, pois se colocou na condição de amparo para toda a classe trabalhadora do município. Igualmente, por meio dessa instituição, estendeu-se o projeto social salesiano, que vislumbra na escola o caminho não para sair da condição de classe trabalhadora, mas para ascender socialmente nesse mesmo universo.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade Dom Bosco. Escola Oratório. História da Educação. Mato Grosso. Salesianos.

1 Introdução

Neste artigo, tem-se como preocupação fundamental expor e analisar uma das iniciativas educacionais voltadas para a classe trabalhadora em Corumbá, região em que, na segunda metade do século XX, o ensino era escasso – em um dos bairros operários da cidade, situado próximo à fronteira Brasil-Bolívia, região do atual bairro Dom Bosco (naquele momento histórico, denominado bairro Cidade Jardim). Observando e analisando os parâmetros e diretrizes da educação salesiana no período de 1957 a 1973, pretende-se discutir como se implantou a Cidade Dom Bosco (em 1957, chamada, quando de sua criação, Escola Alexandre Aurélio de Castro), cujo objetivo era promover a ‘integração’ da criança e do jovem oriundos da classe trabalhadora e dos moradores naquele bairro da periferia da cidade.

Este artigo divide-se em cinco partes. A primeira apresenta um histórico do município de Corumbá e do bairro Dom Bosco, onde se situa a Cidade Dom Bosco. Na segunda parte, são apresentados os processos de criação e implantação dessa iniciativa que, partindo do contexto de uma escola, vai abranger, em poucos anos, todo um complexo de instituições voltadas para a assistência e amparo à classe trabalhadora do município. O cerne da ação educativa salesiana era o sistema preventivo de Dom Bosco, tendo como objetivo a materialização da Escola Oratório, temas da quarta parte deste artigo. Em seguida, são apresentadas as considerações finais relativas a esta pesquisa.

2 O município de Corumbá e o bairro Dom Bosco

Corumbá, situada às margens do Rio Paraguai, a meio caminho dos centros urbanos de maior destaque em âmbito regional (Cáceres e Cuiabá, em Mato Grosso, e Campo Grande, em Mato Grosso do Sul), aparece também como a mais importante cidade brasileira na fronteira do Brasil com a Bolívia.

Estes dois fatores – sua localização privilegiada na bacia do Alto Paraguai e a proximidade com a Bolívia – vão marcar, nesse contexto, o desenvolvimento da cidade, desde seus primórdios no século XVIII (ITO, 2000).

Já na segunda metade do século XIX, após a Guerra da Tríplice Aliança, a cidade se transformou em um dos portos internacionais de maior importância em Mato Grosso, sendo responsável pelo abastecimento das cidades do interior do Estado (Campo Grande, Cuiabá, Cáceres, Coxim e outras), com mercadorias vindas de todas as regiões do Brasil e do exterior, além do escoamento da produção local. Essa posição começou a ser abalada a partir da primeira década do século XX, quando da construção da Estrada de Ferro que ligou Campo Grande a Porto Esperança, localidade também situada às margens do Rio Paraguai. Nesse momento histórico, o Pantanal mato-grossense se firmou como exportador de gado em pé e importador de mercadorias do restante do Brasil e exterior, agora transportadas preferencialmente por meio da ferrovia (ALVES, 1984) e, desta, por via fluvial, para o interior de Mato Grosso (MICHELS; OLIVEIRA, 1995; PROENÇA, 1992).

No fim dos anos 1940 e início dos 1950, condições favoráveis, como a seca prolongada no Pantanal, facilitando o criatório bovino, e os incentivos gerados para a atividade comercial e industrial, no pós-guerra imediato, ainda como consequência da política federal de “Marcha para o Oeste” (CORRÊA, 1994), fizeram com que a cidade de Corumbá se desenvolvesse nas áreas do comércio e indústria. Esse surto industrial, combinando capitais locais e de outras procedências, trouxe ao município investimentos que geraram a abertura de indústrias siderúrgicas (SOBRAMIL, grupo Chamma), fábrica de cimento (Cia. de Cimento Portland Corumbá), moinho de trigo (Moinho Matogrossense), caieiras (Caieiras A. Giordano, Freire e São João), curtumes (Curtume Corumbá, Kassar & Cia.), marmoraria (Santa Blanca), cervejaria e fábrica de refrigerantes (Cervejaria Corumbaense), entre outras (BRASIL, 1966b). Corumbá se torna, então, centro de abastecimento destes produtos – cimento, cal, couro, trigo, entre outros – para as regiões de Coxim, Cáceres e Cuiabá, ao Norte, além

de Porto Murтинho, Miranda e Aquidauana, ao Sul e a Leste (MICHELS; OLIVEIRA, 1995). Simultaneamente, isso provocou também um processo migratório diversificado para a região, com populações oriundas do Nordeste do estado de Minas Gerais e também de outras cidades mato-grossenses, como Cuiabá e Cáceres, além de bolivianos e paraguaios, atraídos, pelas oportunidades de emprego surgidas com a instalação desses empreendimentos.

Além disso, a década de 1950 delimitou um novo momento de internacionalização da vida econômico-social do município, desta feita com a conclusão e funcionamento do eixo ferroviário que interligou Porto Esperança-Corumbá e, na continuidade, com o departamento boliviano de Santa Cruz de la Sierra, com o ramal Puerto Suárez-Santa Cruz (ITO, 1992). Esse fato, por um lado, levou ao incremento do comércio de exportação de produtos brasileiros do parque industrial paulista para a Bolívia; por outro, continuou a comercializar gado em pé para São Paulo, num momento em que novas técnicas produtivas permitiram a modernização e instalação de novos frigoríficos naquele Estado.

No bojo desse contato, cada vez maior, de Corumbá com a produção nacional, as iniciativas industriais, que haviam florescido a partir dos anos 1940, acabaram entrando em crise, sobretudo na segunda metade da década de 1970, quando o uso do transporte rodoviário facilitou o escoamento de produtos similares, mais competitivos, de outras regiões do país (MICHELS; OLIVEIRA, 1995). Tal fato foi ainda mais evidenciado quando, em meados dos anos 1980, iniciou-se a pavimentação da estrada Campo Grande-Corumbá.

Em contrapartida, no plano social, com a instalação dessa crescente população nos arredores da cidade, fazia-se necessário criar condições para atender a essa demanda de migrantes e imigrantes. Nesse âmbito, diversos segmentos tinham necessidade de ampliação: saúde, educação, transporte, iluminação pública etc., ou seja, com a expansão comercial e industrial surgiu a necessidade de urbanização da cidade (BRITO, 2001).

Nessa simbiose entre urbanização e crescimento econômico, aumentou a demanda pela rede pública de ensino. Vale ressaltar que essa exigência se deu

principalmente nas periferias da cidade, pois a área central, devido a sua melhor infra-estrutura, possuía algumas escolas públicas. Entre esses novos bairros periféricos estava o bairro Dom Bosco, onde se situava a Escola Alexandre de Castro, objeto deste estudo.

Inicialmente denominado bairro Trincheira (ENTREVISTA A, 2004) e depois Cidade Jardim, situado na periferia, o atual bairro Dom Bosco faz fronteira com a Bolívia. Ainda nos idos dos anos 1960 era considerado local de difícil acesso, que possuía múltiplas deficiências na sua infra-estrutura: não tinha água encanada, iluminação pública, escola, ou serviços de saúde; era constituído apenas por esparsas casas de tábuas, assemelhando-se a uma área de zona rural.

A cidade de Corumbá, contudo, até então se erigira a partir de seus portos, ou seja, alavancara seu desenvolvimento econômico, enquanto entreposto comercial, e, por isso, tivera toda a sua infra-estrutura localizada nos arredores da região portuária, na qual se dera e crescera o fluxo comercial. Por esse motivo, não houve, antes da década de 1950, preocupação com a infra-estrutura da sua zona periférica; entretanto, essa preocupação se tornou necessária com as transformações econômicas e sociais ocorridas nesse período.

Assim, havia necessidade de expansão da rede escolar no município, sobretudo do ensino primário público, pois seria essa modalidade de escola, em razão da gratuidade, aquela a que acorreria a classe trabalhadora recém-instalada na periferia da cidade. Nesse sentido, o ensino público urbano, principalmente o estadual, vai apresentar crescimento acelerado no município, com a implantação de duas escolas primárias públicas na primeira metade da década de 1950 (Escolas Reunidas do Marítimo Atlético Club e Grupo Escolar do Círculo Operário Dom Bosco) (BRITO, 2001) que, no entanto, ainda se situavam em regiões centrais ou próximas à área central de Corumbá.

Com a imposição dessas necessidades, a educação formal vai sendo incentivada e, aos poucos, incorporada nas diferentes regiões da cidade, num processo lento, mas que pretendia atingir todas as classes sociais. Nesse sentido, chegou também ao bairro Dom Bosco, no fim dos anos 1950 e início da década de 1960.

3 Criação e instalação da Cidade Dom Bosco: da Escola Alexandre Aurélio de Castro à Cidade Dom Bosco (1957-1973)

1 O Pe. Ernesto Sassida é um imigrante de origem europeia, natural da cidade de Dornberg (cidade hoje situada na Iugoslávia), que aportou em Corumbá na década de 1930, como integrante da congregação salesiana. A partir daí, realizou inúmeras atividades de cunho religioso e social com diversos segmentos da sociedade corumbaense.

A Escola Alexandre Aurélio de Castro, criada pelo Decreto nº 224, de 29 de abril de 1957, foi inaugurada no dia 3 de abril de 1961, tendo como co-autor desse projeto o Pe. Ernesto Sassida¹, membro da congregação salesiana e presidente da União dos Ex-alunos de Dom Bosco, entidade que, desde a sua fundação, “[...] previa a criação de uma escola destinada ao menor carente [...]” (PROENÇA, 2003), situada na periferia da cidade.

Essa instituição surgiu em razão da necessidade de implementar a educação formal na região de Corumbá. Assim, de um lado, sua criação atendia aos reclamos da classe trabalhadora, residente no bairro Dom Bosco, que via, na educação escolar, possibilidade de ascensão social, principalmente quando Corumbá passava por um forte crescimento no setor econômico, e diferentes oportunidades surgiam em decorrência desse surto desenvolvimentista (PROENÇA, 2003).

De outro, vinha ao encontro da perspectiva assistencialista que marca o *ethos* da iniciativa educacional salesiana, voltada para o amparo da classe trabalhadora – sobretudo a criança e o jovem – a fim de lhes oferecer condições de inserção no contexto da sociedade capitalista e, simultaneamente, iniciá-los nas práticas da moral leiga do catolicismo.

Materializando o encontro desse conjunto de expectativas – da classe trabalhadora, de membros da Igreja, das camadas médias e da classe dominante de Corumbá –, a Escola Alexandre de Castro foi instalada em uma casa cedida por Catarina Anastácia da Cruz, moradora do Bairro Cidade Jardim (PROENÇA, 2001). As condições eram precárias, o ambiente rústico e as professoras que se dispuseram a desenvolver o trabalho educacional naquele momento eram leigas. Os espaços cedidos pela moradora eram duas salas de aulas (um quarto e uma varanda), onde se ministrava a alfabetização de

crianças. Os matriculados eram 73, e os professores, leigos. Todo o processo educativo desenvolvido era subsidiado pelo padre Ernesto Sassida.

Da mesma forma, durante os seus primeiros anos, entre 1961 e 1966, a escola foi mantida pela União dos Ex-alunos de Dom Bosco. Os auxílios governamentais recebidos não chegavam com regularidade, conforme apresenta o Relatório das Atividades Didáticas de 1963 (UNIÃO DOS EX-ALUNOS DE DOM BOSCO, 1963): nele, a diretoria expressava sua intenção de ultimar a construção do primeiro pavilhão do estabelecimento escolar, caso fosse recebida a verba prometida pelo governo federal. Não por acaso, à medida que proliferava a procura pela escola, aumentavam os projetos ligados à obra social. Graças a esses recursos, em 1962 foi iniciada a construção de um novo edifício, inaugurado em 1963. O novo prédio, localizado na rua Dom Aquino, era um espaço ainda sem acabamento onde muitas crianças, contudo, se instalaram, visto que a escola atendia a uma clientela cada vez maior (COSTA, 1988). Nesse sentido, dado o déficit educacional na cidade, a instituição teve um crescimento acelerado de suas matrículas, pois, em 1964, já contava com 700 alunos (BAEZ; CALÁBRIA, 1964) e, em 1966, quando foi elevada à categoria de Grupo Escolar, pelo Decreto nº 62, de 10 de junho de 1966, tinha 500 alunos (MONFROI, 1997).

Além dos auxílios recebidos por meio de doações, o padre Ernesto buscava respaldo dos governantes locais e das empresas regionais, prática que sempre fora adotada pela escola (UNIÃO DOS EX-ALUNOS DE DOM BOSCO, 1961; ESCOLA PROFISSIONAL ALEXANDRE DE CASTRO, 1961). Para arrecadar essas doações, foi criado o Clube das Madrinhas², um movimento de adoção assistencial que também visava contribuir com recursos financeiros para a instituição. Assim, a nova edificação foi sustentada por donativos de distintas empresas e de particulares e, esporadicamente, com verbas orçamentárias dos órgãos públicos.

Convém ressaltar, entretanto, a necessidade de que o Estado assumisse a manutenção do sistema escolar, pois donativos eram fontes incertas de recursos, e também pela amplitude que vinha assumindo o estabelecimento de ensino no

2 Este movimento providenciava fotos de crianças carentes, que eram enviadas a leigos cristãos de diversos países (Iugoslávia, Itália, Alemanha, Suíça e Espanha), na tentativa de que essas pessoas adotassem materialmente uma criança necessitada (FREITAS, 2001).

bairro. Para tal, o Ministério da Educação e Cultura anunciava, pelo ofício nº 1.196, de novembro de 1966 (BRASIL, 1966a), ter enviado verba orçamentária ao governo de Mato Grosso, para maior difusão do aparelhamento do ensino primário nas fronteiras. Adverte, porém, que o diretor da instituição reivindicasse o auxílio direto dos dirigentes públicos estaduais. Posteriormente, no mês de abril de 1968, foi enviado o ofício circular nº 9, do Departamento Nacional de Educação (BRASIL, 1968), comunicando sobre a concessão de verba pública para a escola e avisando, a propósito, do envio dos documentos necessários para o recebimento do benefício. Dessa forma, nesse momento, o Grupo Escolar passou a receber regularmente verbas públicas, como parte do sistema público de ensino da cidade, já no contexto de centralização do ensino público pelo regime militar.

Com a elevação das verbas destinadas ao Grupo Escolar, cresceu, com a demanda por novas vagas, a procura dos alunos pela continuidade do ensino primário, o que exigiu que se instalassem nessa instituição de ensino as séries do curso ginásial. Isso se concretizou em 1968, pelo Decreto nº 718, de 11 de novembro, que autorizou a criação do curso ginásial na Escola Alexandre Aurélio de Castro e, complementarmente, em 1969, pela Resolução nº 9, de 20 de janeiro de 1969, quando foi autorizado o funcionamento do Ginásio Estadual Dom Bosco.

Diante do imperativo de realizar a instalação do curso ginásial, já autorizado oficialmente, a escola deparou-se com outras debilidades, como sua estrutura física, que não comportava a instalação de outras séries. Assim, as aulas foram ministradas, inicialmente, no Colégio Santa Teresa (COSTA, 1988).

As atividades escolares do curso ginásial na Escola Santa Teresa, contudo, continuam por pouco tempo, de 1969 a 1971 (COSTA, 1988). Diante dessa nova necessidade existente na escola, Padre Ernesto requer a presença de jovens italianos (missionários leigos) na cidade de Corumbá, para a continuação da construção de um novo edifício (FREITAS, 2001).

Graças à ação desses voluntários, o edifício foi levantado em três meses (de julho a outubro de 1969), sendo todo o novo complexo concluído em

1971. Isso permitiu que, em 1973, pelo Decreto nº 1.826, de 17 de dezembro de 1973, o Grupo Escolar Alexandre Aurélio de Castro fosse integrado ao Ginásio Estadual Dom Bosco, passando o conjunto a chamar-se Escola Estadual de 1º Grau Dom Bosco. Apesar de todas essas transformações, o *ethos* salesiano, baseado no ‘sistema preventivo’ criado por Dom Bosco e no modelo da Escola Oratório, foi uma constante durante todo esse período de vida da Escola Alexandre Aurélio de Castro, dando origem à Cidade Dom Bosco.

4 O ‘sistema preventivo’ enquanto prática educativa e a proposta da Escola Oratório na Cidade Dom Bosco

O ‘sistema preventivo’ é uma prática educativa desenvolvida pelos salesianos a partir da sua criação e divulgação por Dom Bosco³, tendo surgido como resposta aos problemas decorrentes do processo de industrialização, sobretudo a miséria da classe trabalhadora, entre a primeira e a segunda metade do século XIX. Nessa perspectiva, nas condições de exploração em que se encontrava a classe trabalhadora, sob os ditames contraditórios do capital, surgiu Dom Bosco na tentativa de proporcionar aos jovens uma sociedade equitativa que lhes desse a oportunidade de integrar-se à sociedade.

Tentando responder à virulência dos fatos, Dom Bosco e, posteriormente, a congregação salesiana, desenvolveram uma prática educativa apoiada nos preceitos católicos, que recebeu a designação de ‘sistema preventivo’. Esse método de ensino consistia em educar a partir de três princípios, que constituem a tríade de seu pensamento: razão, religião e carinho, com o intuito de criar as condições necessárias para que os indivíduos se inserissem na sociedade capitalista (SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES, 1996). O cerne dessa proposta é sua possibilidade de adequação a quaisquer sistemas econômicos e político-sociais, pois parte do princípio de que a sociedade sempre gera novas necessidades, que conduzirão a inovações, e as ideologias devem ser readaptadas a essas transformações.

3 “Padre católico apostólico romano, educador, desenvolveu a educação infantil e juvenil e o ensino profissional, sendo um dos criadores do sistema preventivo em educação. [...] É o fundador da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, conhecida por salesianos, co-fundador da congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, conhecidas por *irmãs salesianas* e fundador da Associação Internacional dos Cooperadores Salesianos” (DOM BOSCO, 2007).

4 “Desde 1809, em Milão, a igreja católica [sic] mantinha um tipo de obra assistencial para jovens denominada oratório, que se ocupava de lazer, educação e catequese. O primeiro oratório de Turim foi fundado em 1841, pelo padre Giovanni Cochi. Influenciado por essas iniciativas, Bosco funda em 8 de dezembro de 1841 um oratório em Turim, quando atende e ensina o jovem Bartolomeo Garelli na sacristia da Igreja de São Francisco de Assis. Em 8 de dezembro de 1844, esse oratório passa a denominar-se Oratório de São Francisco de Sales e em 1846 passou a ter sua sede numa propriedade de Francisco Pinardi, no bairro turinense de Valdocco. [...] A partir de 1863, além dos oratórios, os salesianos passam a se dedicar também aos colégios e escolas católicas para meninos e jovens. Com a separação entre Estado e igreja [sic], há forte demanda por escolas católicas, fazendo com que esse tipo de instituição se dissemine rapidamente” (DOM BOSCO, 2007, p. 1). Historicamente, o primeiro oratório salesiano que se tem notícia em Corumbá foi criado em 8 de dezembro de 1941, funcionando junto ao Colégio Santa Teresa (COSTA, 1988).

Foi nessa perspectiva que o Padre Ernesto Sassida, enquanto salesiano, direcionou seus esforços ao trabalho com a classe trabalhadora do bairro Dom Bosco, antes mesmo da implantação da escola. Assim, com base no ‘sistema preventivo’, idealizou e concretizou projetos que visavam fazer dos trabalhadores parte ativa do município de Corumbá, além de procurar minimizar possíveis problemas que pudessem ser causados pela ‘marginalidade social’ (PROENÇA, 2003).

Sob essa ótica e tendo como base os princípios do ‘sistema preventivo’ de Dom Bosco, organizou-se a Escola Alexandre Aurélio de Castro, de acordo com os mesmos ditames de atendimento, os mais amplos possíveis, às carências da classe trabalhadora do município. Entre a segunda metade da década de 1960 e os anos 1970, outras instituições foram agregadas, formando então um conjunto de ações que subsidiaria não somente a educação, mas também outras necessidades do bairro. Dessa forma, surgiu a Cidade Dom Bosco, assumindo amplo caráter assistencialista, constituindo-se num marco da ação salesiana na região da fronteira Brasil-Bolívia.

Além disso, a ação educativa salesiana, com base no ‘sistema preventivo’, deveria materializar-se nas escolas mantidas pela congregação por meio da implantação da Escola Oratório⁴. Essa era uma prática iniciada pelo próprio Dom Bosco, que visava a uma ação educativa alicerçada em moldes religiosos, com a inclusão de lazer e da catequese ao trabalho desenvolvido nas instituições escolares organizadas pela congregação.

Em 1961, a Escola Alexandre Aurélio de Castro, nos primórdios de sua inauguração, ainda não possuía todas as características de uma Escola Oratório, apesar de o padre Ernesto Sassida exercer ali atividades próprias dessa instituição educativa salesiana, mesmo inexistindo a estrutura física adequada para tal.

Somente depois do início da estruturação do que viria a ser a Cidade Dom Bosco, em junho de 1966, foi criado, por Carlos Alberto da Silva Pereira, o oratório festivo, marcando o reconhecimento oficial do estabelecimento como uma Escola Oratório. A partir desse marco temporal, adolescentes e

adultos, tanto durante a semana letiva quanto nos fins de semana, passaram a se reunir em um local construído oficialmente com essa finalidade. Nesse encontro, mantinham-se as mesmas características das atividades já realizadas por essa instituição:

Além da instrução e educação dentro do estilo Salesiano, freqüentes e intensas eram as atividades extraclasse, seja no campo religioso, seja no campo cultural recreativo. A varanda servia para o serviço religioso, tendo, para isso, reservada a ala esquerda da varanda, vista por quem entra. Ali estava definitivamente armado um altar com o busto de Dom Bosco e o quadro do Sagrado Coração de Jesus, que são conservados até hoje. (COSTA, 1998, p. 170).

Muitas atividades e até mesmo a disciplina cotidiana estavam ligadas ao regimento escolar e eram apoiadas pela ação do Oratório Centro-Juvenil, uma espécie de – guardadas as devidas ressalvas – ‘centro acadêmico’ de cunho religioso, que congregava os alunos da escola. Por meio dessa organização, foi estabelecida uma rotina, na qual os alunos rezavam todos os dias e freqüentavam as missas aos domingos, enquanto a presença deles nas cerimônias religiosas era registrada em sua caderneta escolar, visando criar um “[...] ambiente de família e co-participação dos educandos na própria formação” (COSTA, 1998, p. 174).

Com a ampliação da escola, surgem diversas atividades⁵ ligadas ao Oratório Centro-Juvenil e à Escola, com o intuito de proporcionar aos jovens uma formação humanística, integrando os fundamentos da ética cristã. Dessa forma, o discente, ao receber uma educação formalizada, era integrado, simultaneamente, às distintas atividades que tinham como base o sistema preventivo. Nesse contexto, a escola formava cidadãos, e a Igreja, fiéis.

Complementando as ações da Escola Oratório, a partir da segunda metade dos anos 1960 foram criados novos empreendimentos junto à Cidade Dom Bosco, e voltados para o atendimento da criança e do jovem da peri-

5 Já em 1963, com a construção do pavilhão, inicia-se o Cine teatro que, nos dias de semana, era um espaço reservado para a escola e nos fins de semana funcionava como um cine-teatro. “Ali se apresentavam artistas do bairro, pianistas, guitarristas, cantores, o palhaço Pituca, conjuntos musicais e animadores de shows” (Freitas, 2001, p. 81), sob a supervisão do Oratório Centro-Juvenil.

6 Nestes termos, anunciava-se no bairro Cidade Jardim, por meio de cartazes, a criação da Escola Alexandre Aurélio de Castro, matéria referendada por meio de chamada jornalística do periódico *Folha da Tarde* (1962).

7 A União dos Ex-alunos de Dom Bosco foi fundada em 1951, em Corumbá, pelo padre Ernesto Sassida, reunindo os antigos alunos da Escola Santa Tereza, sendo reconhecida como de utilidade pública em 27 de dezembro de 1961, conforme a Lei n. 1701, do governo estadual. Seus objetivos eram dirigidos para a promoção do jovem e da criança como indivíduos participativos na sociedade, de maneira digna, dando-lhe, para isso, assistência integral (União dos Ex-alunos de Dom Bosco, 1951).

feria de Corumbá (PROENÇA, 2003). Assim, foram reativados, em 1966, a Corporação dos Patrulheiros Mirins e a Guarda Mirim; criados, em 1968 e 1969, respectivamente, a Corporação das Bandeirantes Dom Bosco e o Grupo Escoteiro Dom Bosco e, em 1970, a Casa do Pequeno Trabalhador, no centro do município de Corumbá.

Outro princípio desse projeto era promover uma atividade assistencial que não se limitasse a atender apenas os alunos que freqüentavam a escola, mas que atingisse a ‘família’ trabalhadora e seu entorno, em suas mais variadas necessidades: saúde, lazer, educação, entre outros, e cuja finalidade era dotar a criança, reconhecidamente pobre, de assistência completa: instrução primária, educação moral, cívica e trabalhista, iniciação profissional, vigorosa formação e assistência médico-dentária⁶.

Assim, conforme anunciava o cartaz de lançamento da pedra fundamental da escola, era exposto – ali também – um plano para a constituição de uma obra social que tinha como finalidade auxiliar o conjunto da população do bairro, com ênfase na criança. Dessa forma, os auxílios gerados no eixo da instituição, além de coadunar atividades educativas, de lazer e catequéticas, simultaneamente assistiam o bairro nas suas prioridades imediatas, por meio de doações ou pela realização de eventos promocionais. Em vista disso, outros programas foram desenvolvidos no complexo da obra social denominada Cidade Dom Bosco, a partir de 1965. Concomitantemente, tais subsídios inerentes às ações filantrópicas proporcionavam aos alunos uma modalidade de assistência que não estava disponível em outros bairros da cidade.

Para atender a essas demandas, foram chamadas à participação em iniciativas da escola distintas instituições civis, que gravitavam em torno da mística salesiana. A principal dessas instituições era a União dos Ex-alunos de Dom Bosco⁷ (UEDB), para a qual a implantação da escola materializava uma proposta que já fora arquitetada ideologicamente como parte da obra social da congregação salesiana em Corumbá, como aparecia descrito no regimento interno da escola:

Art. 1º A Escola Profissional “Alexandre de Castro” é uma seção do Departamento de Assistência Social da “União dos Ex-alunos de Dom Bosco” de Corumbá, Estado de Mato Grosso.

Art. 2º A Escola vem ao encontro da solução do maior e momentoso problema que é o amparo à classe pobre e visa diretamente a criança. [...] Para tanto, a Escola proporcionará a toda criança favelada e realmente necessitada, assistência integral em edifícios moderna e pedagogicamente construídos. (ESCOLA PROFISSIONAL ALEXANDRE DE CASTRO, [196?], p. 3).

Assim, conforme esse regimento interno, a Escola Alexandre Aurélio de Castro pretendia ser um complexo que daria assistência integral aos menores carentes, visando a convertê-los e, ao mesmo tempo, proporcionar-lhes uma educação sistematizada e disciplinada. Paralelamente, muitos outros projetos patrocinados pela UEDB⁸ foram surgindo, subsidiando tanto a educação quanto outras necessidades da população periférica, pretendendo contribuir, assim, para a diminuição dos quadros da violência.

Outra dessas instituições ligadas à ação leiga salesiana foi a Legião Mato-grossense de Amigos da Criança (LEMAC), fundada em 1958, responsável, entre outros, por angariar fundos para a instalação da nova escola (FRONTEIRA-OESTE, 1958), e que, posteriormente, seria anexada à própria diretoria da Cidade Dom Bosco (PROENÇA, 2003).

Diante da expansão desse trabalho filantrópico, mesmo após a inauguração da escola, esse sistema foi-se ampliando com o surgimento de outras instituições coligadas à Escola Alexandre Aurélio de Castro. Em junho de 1962, foi fundado o Clube Feminino de Corumbá, co-irmão da UEDB, formado pelas ex-alunas salesianas, “[...] procurando a participação de senhoras na educação e recuperação de menores carentes” (PROENÇA, 2003, p. 163).

Outra linha de atuação salesiana, por sua vez, contemplaria a atividade profissionalizante, visando a colaborar, ao mesmo tempo, para suprir as

8 Não se pode deixar de mencionar que havia outra escola igualmente administrada pelos salesianos, com os mesmos objetivos de atendimento a crianças carentes, onde era oferecido o curso primário e curso profissionalizante para meninas (culinária e corte e costura), situada na zona central da cidade, o Círculo Operário Dom Bosco (União, 1957, p.1).

9 Transformado, em 1970, na Casa do Pequeno Trabalhador. (PROENÇA, 2003).

necessidades imediatas dos alunos e de suas famílias, bem como retirá-los da ociosidade, considerada pelos cooperados salesianos como uma das maiores causas da violência no município (PROENÇA, 2003). Nessa linha de ação, foi instalado o Clube de Jornaleiros e dos Engraxates⁹, em 20 de maio de 1966. Nele, existiam atividades remuneradas, nas quais se criavam alternativas para que os alunos tivessem uma ocupação e, simultaneamente, condições de estudar. Para tal, todos eram matriculados na Escola Alexandre Aurélio de Castro, participando de todas as atividades existentes na escola.

Desse modo, essa multiplicidade de movimentos associativos e assistencialistas em torno da escola visava a propiciar as condições para que as famílias encontrassem não só educação formal para seus filhos, mas também apoio emergencial que viesse proporcionar os suprimentos básicos para a sua manutenção e sobrevivência. Além disso, essas mesmas atividades reuniam um conglomerado de pessoas da cidade nos eventos promovidos para arrecadação de fundos – nas missas, no cine-teatro e em outros.

Em contrapartida, com o crescimento desses movimentos no interior da instituição, eles tomam proporções inesperadas que colidem com a infraestrutura física e as condições socioeconômicas do empreendimento original. Diante dessas dificuldades, a União dos Ex-alunos de Santa Teresa, mantenedora original da escola, apresenta o problema à Congregação Salesiana. Perante esses fatos, o padre inspetor Leonardo Jacuzzi e o Vigário Inspetorial Benjamim Pádoa definem, em 1966, novas diretrizes para a Cidade Dom Bosco e para seu fundador, padre Ernesto Sassida:

- 1.º [Que] Padre Ernesto fique desligado da responsabilidade de Encarregado da União dos Ex-alunos Dom Bosco e de qualquer outro cargo no Colégio de Santa Teresa;
- 2.º [Que] Os Ex- alunos Salesianos, devido ao tamanho da Obra e sua impossibilidade de levá-la para frente, decidissem, em Assembléia, passar a Obra para a Congregação Salesiana;

3.º [Que] Padre Ernesto ficasse unicamente encarregado da Obra, com administração à parte'. (COSTA, 1988, p. 161).

Nesse novo contexto, foi criado o Estatuto da Cidade Dom Bosco, em 26 de abril de 1966. Essa mudança não significou, contudo, qualquer perda em relação ao *ethos* salesiano, garantido, já de início, pelos dispositivos do próprio estatuto, que assim declaravam:

Art. 1.º. A 'Cidade Dom Bosco' de Corumbá, Estado de Mato Grosso, é uma Instituição Caritativa e Educativa, inspirada pelos Ex-alunos Salesianos de Dom Bosco, fundada aos 3 (três) de abril de 1961 e pertencem a 'Inspetoria Salesiana' com sede em Campo Grande, Estado de Mato Grosso.

Art.2.º. A 'Cidade Dom Bosco visa a elevação e reintegração da classe pobre, através (sic) da criança, fornecendo a esta assistência integral, isto é: formação moral, cívica e artística; iniciação profissional; assistência médica, alimentar e dentária; educação física com esportes e diversões nos moldes dos princípios educativos de São João Bosco.

Art.3.º. A 'Cidade Dom Bosco' assistirá gratuitamente a criança desde o seu nascimento e dela cuidará até introduzi-la na condigna vida social. (CIDADE DOM BOSCO, 1966, p. 1).

Essas garantias foram importantes, principalmente em relação à dupla transformação sofrida pela Escola Alexandre Aurélio de Castro, entre 1966 e 1968: se, por um lado, houve o progressivo alargamento dessa instituição escolar, que passou a abrigar, no seu interior, outras entidades e suas respectivas funções, sobretudo no campo da assistência social e religiosa, com a efetivação do projeto da Cidade Dom Bosco; por outro, ocorreu a inclusão da escola na rede pública de ensino, o que lhe facultou o acesso a verbas públicas

fundamentais para a manutenção do conjunto de suas atividades. O que importava, nesse novo contexto, era não perder o controle ideológico até então mantido pela congregação salesiana, o que ficou explicitado e garantido pelo novo estatuto da instituição.

5 Considerações finais

Concluindo este artigo, antes de qualquer coisa, é imperativo lembrar que o primeiro objetivo arrolado neste trabalho era o de analisar o surgimento da Escola Alexandre Aurélio de Castro. Nesse sentido, pôde-se averiguar que a escola surgiu paralelamente ao processo de urbanização que a cidade apresentou nas décadas de 1940 a 1960, decorrente do processo de industrialização ali ocorrido, principalmente com a instalação da empresa de exploração de minério de ferro e manganês Sobramil e a construção do ramal ferroviário Brasil-Bolívia, que se fizeram acompanhar de um influxo imigratório e migratório significativo. É importante alegar, contudo, que, com o crescimento demográfico em razão das vicissitudes da cidade, muitos trabalhadores se instalaram em regiões periféricas. Assim, esse novo panorama social e econômico de Corumbá fez com que se criassem condições e se pontuasse a necessidade de expansão do ensino formal na região.

Tomando por base esse mesmo contexto, outro fato observado foi a expansão da Escola Alexandre Aurélio de Castro num curto espaço de tempo. A constituição da escola se deu em condições desfavoráveis, com muitos óbices – falta de infra-estrutura, saneamento básico, iluminação pública, entre outros. Assim mesmo, em uma década, passou a ser conhecida como Cidade Dom Bosco, devido ao complexo de programas sociais e religiosos abrigados pela instituição.

Nesse contexto, a Escola Alexandre Aurélio de Castro, posteriormente conhecida como Cidade Dom Bosco, além de proporcionar a educação for-

mal, simultaneamente dava assistência a essas crianças e suas famílias. Foi a procura pelo estabelecimento que suscitou o aparecimento de outros movimentos associativos e assistencialistas na escola. Assim, embora o currículo escolar ministrado na Escola Alexandre Aurélio de Castro não ultrapassasse aquilo que era oferecido em qualquer outra escola pública, existia nela um diferencial: o de ser a única que tinha como proposta oferecer um arrimo integral às crianças e às suas famílias.

É relevante destacar, ainda, que muitos dos participantes do processo de construção dessa obra social eram oriundos de outras cidades do Estado de Mato Grosso, de outras localidades do Brasil e até de outros países, como a Itália e a Bolívia. Isso proporcionou um clima de encontro de variadas cosmovisões. Esse projeto social propiciou a integração desse verdadeiro caldeirão cultural, além de mobilizar elementos de distintas classes sociais, capazes de levar o projeto adiante sem que se tivesse perdido, contudo, o enfoque assistencialista (promoção humana e social da juventude), base da ação salesiana, pólo que sempre canalizou as diferentes iniciativas.

Quanto à formação educacional, em consonância com a formação religiosa, constatou-se nessa instituição a busca pela materialização do projeto da Escola Oratório de Dom Bosco, com base no ‘sistema preventivo’ criado por aquele religioso, no século XIX. Nesses termos, todos os movimentos associativos e atividades provenientes do eixo da escola eram organizados pelo padre Ernesto Sassida e seus colaboradores, com evidente conotação religiosa. Nesse sentido, é importante lembrar que a presença dos salesianos no ensino, em Corumbá, vinha ocorrendo desde o fim do século XIX. Ressalte-se que, naquela época, priorizava-se a formação de crianças e jovens corumbaenses oriundos da classe dirigente e das camadas médias. Somente quando, na década de 1950, foi criado o Circulo Operário Dom Bosco, voltado para o ensino público da população trabalhadora, e, posteriormente, a Escola Alexandre Aurélio de Castro, os salesianos começaram a se dedicar à educação de crianças e jovens fixados na periferia de Corumbá.

Assim, a ampliação do trabalho da Congregação de Dom Bosco para a periferia da cidade de Corumbá, em que se formou todo o conglomerado de órgãos associativos ali existentes, possui características particulares em relação a outras iniciativas salesianas que se instalaram na cidade. Em relação a isso, a Escola Alexandre Aurélio de Castro se colocou na condição de amparo não somente de seus alunos e suas famílias, mas também de toda a classe trabalhadora no município. Apesar disso, por meio da escola, fez-se igualmente a extensão do projeto social salesiano, que vislumbra, na escola, o caminho não para sair da condição de classe trabalhadora, mas para ascender socialmente nesse mesmo universo.

**THE PROPOSITION OF THE ESCOLA ORATÓRIO SALESIANA:
THE CASE OF THE CIDADE DOM BOSCO
(CORUMBÁ, MATO GROSSO, 1957-1973)**

This article has as object the *Cidade Dom Bosco* (named as *Escola Alexandre Aurélio de Castro* in 1957, when it was opened), situated in Dom Bosco neighbourhood. We observed and analysed the parameters and guidelines of the Salesian education from 1957 to 1973. It discusses how this educational institute was implanted. The objective of the institute was to integrate the working class students into society. The nucleus of this action was the Salesian *ethos* for education, based on Dom Bosco's 'preventive system', aiming at materializing the so named *Escola Oratório*. This way, it had particular characteristics in relation to the other Salesian initiatives, as it created to support the working class of the city where it is located. Also, through this institution, the Salesian social project was extended and it considers the school as the way for not to leave the working class condition, but as a mean to rise socially in the same universe.

KEY WORDS: Cidade Dom Bosco. Escola Oratório. Mato Grosso. Salesians. The education history.

Referências

ALVES, G. L. Mato Grosso e a História: 1870-1929 – ensaio sobre a transição do domínio da casa comercial para a hegemonia do capital financeiro. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 61, p. 5-81, 2. sem. 1984.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Departamento Nacional de Educação. *Ofício n. 1196, de 30 de 1966*: comunicado dirigido ao diretor da Escola Alexandre de Castro, sobre o convênio assinado pelo Ministério da Educação e Cultura com o Governo do Estado de Mato Grosso. Brasília: 1966a.

_____. *Ofício Circular n. 9168, de 15 de abril de 1968*: comunicado sobre o envio de subsídio governamental para a entidade Cidade Dom Bosco. Brasília: 1968.

BRASIL. Ministério da Guerra. *Monografia do município de Corumbá*. Corumbá: 1966b.

BRITO, S. H. A. *Educação e sociedade na fronteira Oeste do Brasil*: Corumbá (1930 -1954). 2001. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2001.

CIDADE DOM BOSCO. *Estatutos da Cidade “Dom Bosco” de Corumbá*, Mato Grosso. Corumbá, MT: Cartório do 4º Ofício, 2 maio 1966. Livro A1, n. 89.

CÍRCULO Operário Dom Bosco. *União*, Corumbá, v. 6, n. 43, p. 1, jan./jun. 1957.

CORRÊA, V. B. *Mato Grosso do Sul: a fronteira oeste revisitada*. Corumbá: 1994.

COSTA, P. L. (Org.). *O profeta do Pantanal*. Corumbá: Escolas Profissionais Salesianas, 1988.

DOM BOSCO. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. [Boston]: 2007. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Bosco_%28santo%29>. Acesso em: 2 jun. 2007.

ENTREVISTA A [fevereiro de 2004]. Entrevistadora: Odineia de Oliveira Arruda. Corumbá: 2004. 1 fita cassete (90 min.).

ESCOLA PROFISSIONAL ALEXANDRE DE CASTRO. *Ofício dirigido à Companhia Cimento Portland de Corumbá*. Corumbá: 1961.

_____. *Regimento Interno da Escola*. Corumbá: [196?].

FOLHA DA TARDE. *Corumbá*, v. 5, n. 1154, 21 jul.1962.

FREITAS, J. F. *Estrela que tardava ainda*. Cuiabá: 2001.

FRONTEIRA-OESTE. *Corumbá*, [s.n.], 11 nov.1958.

ITO, C. A. *Corumbá: o espaço da cidade através do tempo*. Campo Grande: UFMS, 2000.

MICHELS, I. L.; OLIVEIRA, T. C. M. (Coord.). *Diagnóstico socioeconômico da Bacia do Alto Paraguai: aspectos regionais e urbanos*. Campo Grande: UFMS/SEMA, 1995. Relatório final.

MONFROI, J. *A Missão Salesiana e a educação em Corumbá: 1899-1996*. Campo Grande: 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1997.

PROENÇA, Augusto César. *Corumbá de todas as graças*. Campo Grande: 2003.

_____. *Pantanal: gente, tradição, história*. Campo Grande: 1992.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. Ação Conjunta: salesianos e leigos na missão de Dom Bosco. Tradução de Fausto Santa Catarina. São Paulo: Edições Salesianas, 1996.

UNIÃO DOS EX-ALUNOS DE DOM BOSCO. *Ofício solicitando auxílio para a Escola Vocacional “Alexandre de Castro”*. Corumbá: 1961.

_____. *Registro dos Estatutos da União do Ex-alunos de Dom Bosco*. Corumbá: 1951.

_____. *Relatório das atividades didáticas e assistenciais da escola*. Corumbá: 1963.

Recebido em 19 maio 2007 / aprovado em 10 jun. 2007.

Para referenciar este texto

BRITO, S. H. A. de; ARRUDA, O. de O. A proposta da Escola Oratório Salesiana: o caso da Cidade Dom Bosco (Corumbá, Mato Grosso, 1957-1973). *EccoS*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 115-134, jan./jun. 2007.